Parte 2 - Pesquisa qualitativa: aplicações nos estudos rurais

Caminhos da pesquisa: a Comunidade Macaúba como *locus* da investigação

Ana Paula da Silva de Oliveira Ferreira
Vera Lúcia Salazar Pessôa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, A.P.S.O., and PESSÔA, V.L.S. Caminhos da pesquisa: a Comunidade Macaúba como *locus* da investigação. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 257-265. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0016>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Caminhos da pesquisa: a Comunidade Macaúba como *locus* da investigação

Ana Paula da Silva de Oliveira Ferreira
Vera Lúcia Salazar Pessôa

Este texto tem por objetivo relatar algumas das experiências vividas no trabalho de campo realizado na Comunidade Macaúba/Catalão, em Goiás, entre os anos de 2010 e 2012, como parte da dissertação de mestrado intitulada *Territórios em conflito: a Comunidade Macaúba/Catalão (GO) e a territorialização da atividade mineradora*.¹

A Comunidade Macaúba, onde residem famílias camponesas, localiza-se no município de Catalão. Na década de 1970, três empresas mineradoras de capital estatal e privado se territorializaram em áreas pertencentes a ela e a outras comunidades, para explorar minerais de valoroso interesse comercial, o nióbio e o fosfato. Para alguns, a vinda dessas empresas significou crescimento econômico e desenvolvimento para a cidade, com a geração de renda e de empregos. Entretanto, foi mais do que isso, pois representou também um acirramento das desigualdades sociais.

A implantação das mineradoras gerou uma série de efeitos negativos ao meio ambiente, como a destruição de áreas de cerrado e a poluição do ambiente que circunda a área de ação dessas empresas, o que afeta diretamente as comunidades em que elas se territorializaram, como a Macaúba. Outro efeito que atinge as comunidades se refere à desterritorialização de famílias camponesas.

¹ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PPG/UFG), *campus* Catalão, em março de 2012, sob orientação da professora Vera Lúcia Salazar Pessôa.

Diante da complexidade da relação entre as empresas mineradoras e a Comunidade Macaúba, notamos, ao desenvolver a pesquisa, a necessidade de realizar um trabalho de campo que nos permitisse conhecer e compreender as relações presentes nessa comunidade. Para tanto, selecionamos algumas técnicas que consideramos essenciais para a pesquisa, dentre elas a entrevista e a história oral, sobre as quais discorreremos aqui.

Estruturamos o texto em duas partes. Na primeira, tratamos da pesquisa e da escolha de sua metodologia. Na segunda, mostramos como fizemos parte do trabalho de campo na Comunidade Macaúba e as entrevistas.

O desafio da pesquisa: delimitando o caminho metodológico

O desafio de pesquisar, atividade que consiste em construir o conhecimento pouco a pouco, é interpretar a realidade. Nas palavras de Barros e Lehfeld,

pesquisar significa realizar empreendimentos para descobrir, para conhecer algo. A pesquisa constitui um ato dinâmico de questionamento, indagação e aprofundamento. Consiste na tentativa de desvelamento de determinados objetos. É a busca de uma resposta significativa a uma dúvida ou problema (2007, p. 81, grifo dos autores).

Baseando-se no confronto permanente entre o que se conhece e o que se deseja conhecer, a pesquisa científica, a fim de apreender o movimento do real, exige do pesquisador criatividade, disciplina e organização. Para Santos, a “pesquisa científica pode ser caracterizada como atividade intelectual intencional que visa responder às necessidades humanas” (2007, p. 17). Assim, as necessidades humanas básicas são uma mola propulsora para a busca por inovação por meio da pesquisa, visando à melhora em seu estado.

Goldenberg chama a atenção para o fato de que “nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis” (2007, p. 13). Ao desenvolver uma pesquisa, é impossível prever todas as suas etapas, uma vez que o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. Assim, torna-se necessário que este tenha uma postura flexível para conduzir o processo, o que lhe permitirá usar todo o conhecimento que possui sobre o tema para se adequar às situações que não havia previsto.

Em nossas investigações sobre a Comunidade Macaúba, procuramos assumir essa postura flexível, contrapondo teoria e campo e nos adequando às “descobertas”. Para isso, optamos por desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo.

“A epistemologia qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção, e não

como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta” (Rey, 2005, p. 5, grifos do autor). O enfoque qualitativo busca apreender a realidade a partir de uma construção do conhecimento ao longo da pesquisa, considerando que o conhecimento que o pesquisador tem em relação à realidade é sempre parcial e limitado e está ligado diretamente às suas práticas.

A pesquisa qualitativa busca uma compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro do contexto social em que vivem, em sua ação diária, em seu comportamento perante a sociedade e a natureza, quando agrega significado às ações. Nessa perspectiva, sujeito e objeto não estão separados.

Os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado, sua essência, tendo como objetivo compreender os indivíduos em seu ambiente. O bom andamento da pesquisa qualitativa está diretamente ligado à “biografia do pesquisador, das opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia a dia da pesquisa” (Goldenberg, 2007, p. 55). Diante disso, faz-se mister delimitar seus caminhos metodológicos, o que significa um desafio para o pesquisador, uma vez que o “caminho” escolhido norteará todo o desenvolvimento da pesquisa.

Ao escolher os procedimentos para a pesquisa, o pesquisador imprime nela suas visões de mundo. “Denominam-se *procedimentos* (ou *metodologia*) as atividades práticas necessárias à aquisição dos dados com os quais se desenvolverão os raciocínios que resultarão em cada parte do trabalho final” (Santos, 2007, p. 88, grifos do autor). Nessa etapa, ocorre a delimitação dos dados referentes à coleta que se fará na pesquisa.

Os levantamentos dos meios de obtenção dos dados são uma escolha do pesquisador para responder aos objetivos próprios da pesquisa, tendo cada procedimento uma especificidade a ser aproveitada. “Coletar dados é juntar as informações necessárias ao desenvolvimento dos raciocínios previstos nos objetivos” (Santos, 2007, p. 102). Em nossa pesquisa, escolhemos os seguintes procedimentos de coleta de dados: pesquisa bibliográfica e na internet, documental e de campo.

A pesquisa bibliográfica é um pré-requisito necessário à investigação e pode ser definida “como o ato de procurar, recolher, analisar, interpretar e julgar as contribuições teóricas já existentes sobre certo assunto” (Ludwig, 2009, p. 51). O primeiro passo para realizar uma revisão bibliográfica é fazer um levantamento de principais obras, autores e contribuições sobre o tema pesquisado. Por meio desse procedimento, é possível conhecer posições e percepções diferenciadas de outros autores que deem embasamento à pesquisa.

O levantamento bibliográfico foi o primeiro passo dado por nós na construção da pesquisa desenvolvida. Fizemos um levantamento sobre agricultura camponesa, território e cultura, em busca de elementos que pudessem subsidiar a pesquisa auxiliando

na compreensão de como se organizam econômica, política e culturalmente comunidades camponesas, para, assim, entendermos a Comunidade Macaúba. Procuramos também obras de autores que têm pesquisado grandes empreendimentos, especialmente empresas mineradoras, e seus efeitos sobre o ambiente e a sociedade, a fim de compreender sua lógica.

Em seguida, passamos à revisão teórica, entendendo que esta tem como “[...] objetivo circunscrever dado problema de pesquisa em um quadro de referência teórico que pretende explicá-lo” (Luna, 2005, p. 83). A revisão foi feita por meio de consultas a documentos, livros, artigos de periódicos, revistas especializadas, monografias, dissertações, teses e sites, fazendo uso de fontes primárias e secundárias.

A pesquisa de campo, por sua vez, é uma das etapas mais complexas do estudo, já que, por meio dela, o pesquisador entra em contato direto com o objeto pesquisado, com os sujeitos da pesquisa e, a partir desse contato, busca apreender a realidade ou parte dela. Várias são as formas de se fazer campo, as técnicas e os procedimentos empregados. Diante de sua complexidade, consideramos importante dedicar a seção seguinte à sua compreensão.

A ida a campo: buscando desvendar a Comunidade Macaúba

Na ida a campo, fizemos uso de entrevistas e da história oral. Para realizar as entrevistas, visitamos as famílias residentes na Comunidade Macaúba e aquelas que já moraram nela mas a deixaram. Para essas visitas, elaboramos roteiros com questões concernentes à temática. Dos entrevistados, coletamos informações factuais (gênero, idade, estado civil, série escolar, onde trabalha, renda, religião e outros) e opinativas (crenças, suposições, valores). Quando autorizado, as entrevistas foram gravadas, e, após sua realização, fizemos a transcrição, a análise e a interpretação dos relatos.

As entrevistas foram realizadas com um membro de cada família da Comunidade Macaúba, residente ou não, desde que este exercesse alguma atividade dentro dela. No que concerne aos moradores da comunidade, proprietários ou não, obtivemos uma amostragem de 100%, com a realização de 37 entrevistas. Já na realização das entrevistas com membros de famílias proprietárias e não residentes, obtivemos uma porcentagem de 80%, com a realização de 12 entrevistas.

Para que pudéssemos realizar nossas idas a campo, hospedamo-nos na casa de familiares.² Saíamos a pé quando o local a ser visitado era próximo, ou de carro, quando distante. Nas visitas, câmera fotográfica, gravador de voz, diário de campo e caneta

² Trata-se do pai e da mãe da pesquisadora. Esta visitava as famílias da comunidade em companhia de ambos ou de apenas um deles.

foram recursos importantes. Observamos, registramos nossas impressões no diário de campo e fotografamos elementos que consideramos importantes para a pesquisa.

Para entrevistar membros das famílias proprietárias e não residentes na comunidade, fomos às suas propriedades nos fins de semana ou, ainda, a suas residências na área urbana de Catalão. Como éramos membros da comunidade, não houve desconfianças por parte dos entrevistados, que se mostraram seguros em nosso diálogo.

Ao entrevistar moradores e proprietários da comunidade, nossos objetivos principais foram: conhecer a cultura dessas famílias; identificar as relações sociais, econômicas e políticas da comunidade; perceber como as pessoas vivem e o que fazem; conhecer as estratégias de sobrevivência estabelecidas na comunidade; e apontar as possíveis transformações ocorridas e ocorrentes na comunidade em virtude da territorialização das mineradoras.

Encontramos certa dificuldade em localizar os ex-moradores da comunidade, que se mudaram por causa da territorialização das mineradoras, e conhecer o número exato de famílias desterritorializadas, visto que não conseguimos obter essa informação por meio das empresas mineradoras. A maior dificuldade foi localizar aquelas famílias que deixaram a comunidade nas décadas de 1970, 1980 e 1990, pois não conhecíamos seus destinos. Então, recorremos à memória de moradores e ex-moradores da Comunidade Macaúba, na tentativa de definir quem e quantos eram seus moradores no referido período.

A partir da localização de uma família que se mudou nesse período, perguntávamos quem eram as outras famílias que um dia residiram na Comunidade Macaúba e na Comunidade Chapadão (município de Ouvidor) e onde elas estavam residindo atualmente (2011). Apesar de focarmos a pesquisa na Comunidade Macaúba, percebemos, em nossas idas a campo, que não poderíamos “ignorar” as famílias que residiam na Comunidade Chapadão, a qual foi destruída pela territorialização das mineradoras. Essa comunidade se confundia territorialmente com a Comunidade Macaúba, havia uma interlocução entre elas e seus moradores. Nesse sentido, uma parte da Comunidade Macaúba se denominava Chapadão.

Para encontrar as famílias que deixaram a Comunidade Macaúba, ou a Comunidade Chapadão, fomos à Comunidade São Domingos e à Comunidade Coqueiros, no município de Catalão, e à Comunidade Paraíso, no município de Ouvidor. Fomos também à feira realizada todos os domingos em Catalão, da qual participam várias famílias camponesas, e a diversos bairros da área urbana, onde encontramos a maior parte de nossos entrevistados. As entrevistas com esses sujeitos foram diferenciadas: alguns se mostraram muito à vontade para contar-nos sua história, pareciam despreocupados com o tempo e desejosos de longos minutos de conversa; outros mostraram certo receio

para conosco, pareciam um pouco desconfiados, mas, à medida que íamos conversando, logo percebíamos certa tranquilidade em sua fala e em seus gestos.

Nessas entrevistas, tivemos de lidar com memórias muito vivas ainda, em algumas vezes, e desgastadas pelo tempo, em outras. Essas lembranças evocavam emoções, o que as tornou mais densas para nós, no sentido de sabermos como nos portar diante de lágrimas e silêncios de lembranças que se misturavam com o presente.

No que concerne aos ex-moradores da Comunidade Macaúba que a deixaram no período de 2000 a 2011, não encontramos dificuldades em localizá-los, quantificá-los e entrevistá-los, uma vez que seu número era pequeno, o período, recente, e conhecíamos a todos. Durante as entrevistas, buscamos compreender, entre outras coisas: as relações de produção presentes na comunidade; como ocorreu o processo de saída de lá; como se negociou a venda das terras para as empresas mineradoras; qual foi o valor recebido na época pelas terras e qual o destino desse dinheiro; e onde foram morar e como estavam no momento da entrevista. No total, entrevistamos vinte ex-moradores da Comunidade Macaúba e da Comunidade Chapadão.

Nossa proposta era realizar entrevistas com um representante da mineradora Vale Fertilizantes e um da mineradora Copebrás (Grupo Anglo American). Fizemos contato com funcionários das duas, mas obtivemos sucesso apenas na Copebrás.

Quanto à Copebrás, primeiro, explicamos o objetivo da pesquisa e a importância da entrevista a seus representantes, que solicitaram o envio prévio do roteiro. Posteriormente, ao receber o aceite da empresa, dirigimo-nos ao seu complexo industrial, onde fomos recepcionados e atendidos por funcionários. Realizamos a entrevista com a coordenadora de Segurança e Meio Ambiente (SGI).

No que concerne à Vale Fertilizantes, entramos em contato com seus representantes por meio de e-mails, os quais não foram respondidos, e por telefone, sem êxito. Assim, as informações que adquirimos sobre essa empresa advêm de outras pesquisas realizadas lá ou de sites.

Para desenvolver a história oral em nossa pesquisa, dialogamos com três sujeitos, escolhidos por serem os moradores mais antigos da Comunidade Macaúba: uma senhora de 78 anos, que reside lá há 57 anos; um senhor de 77 anos, que reside lá desde seu nascimento; e um senhor de 78 anos, que também reside lá desde que nasceu. Por meio desse procedimento, buscamos conhecer mais a fundo a história da comunidade, suas particularidades sociais, culturais e econômicas, tentando responder às seguintes questões: como surgiu a comunidade? Qual é a sua história? Como ela se organizava nas festas, no trabalho? Quais eram suas crenças, seus valores, suas “estórias”? Como ocorreu o processo de territorialização das empresas mineradoras na região? O que mudou após a chegada das mineradoras?

Notamos certas semelhanças nas atitudes dos entrevistados no decorrer de nossa estada em suas residências. Fomos muito bem-recepcionados em todas as casas. Ao chegarmos, os entrevistados deixavam de imediato seus afazeres e nos recepcionavam à porta, conduzindo-nos à cozinha ou a outra área da casa onde éramos acomodados. Após conversas casuais sobre elementos cotidianos da vida, informávamos a eles o motivo de nossa visita, explicávamos o objetivo da pesquisa e apontávamos a importância de entrevistá-los. Em seguida, pedíamos sua autorização para gravar a entrevista. No início, notamos certa curiosidade deles em relação ao aparelho gravador MP4, com o qual era feita a gravação. Essa curiosidade se expressou em seus olhares e em leves toques no aparelho. Com o consentimento deles, passávamos à realização da entrevista. A princípio, todos se mostraram apreensivos sobre a possibilidade de não saberem responder às perguntas que iríamos fazer, mas, depois, percebemos a tranquilidade em suas feições diante de perguntas, que eram de seu total domínio por estarem relacionadas a seu viver. Ao fim, os entrevistados se apressavam a nos fazer um café, servido com biscoito, bolo e doce. Ao deixarmos a casa, éramos acompanhados até a porta da frente e, enquanto nos distanciávamos, ainda avistávamos aquele que nos recebeu a nos olhar até nos perder de vista.

Considerações finais

Ao desenvolver uma pesquisa, traçamos um caminho a percorrer, que deve viabilizar o conhecimento de alguns aspectos da realidade estudada. A pesquisa é feita de escolhas, que, quando adequadas aos objetivos propostos e usadas de forma correta, podem levar o pesquisador a obter sucesso em seu empreendimento; seu êxito depende das ações do pesquisador, do objeto de estudo, do método e da metodologia usados.

As entrevistas e a história oral possibilitaram-nos repensar conceitos, preconceitos e ideias. Ao fazermos o trabalho de campo na Comunidade Macaúba, tivemos a oportunidade de vivenciar experiências enriquecedoras e, por vezes, inesperadas que nos permitiram conhecê-la em seus detalhes.

Referências

- ALENTEJANO, Paulo R. R. e ROCHA-LEÃO, Otávio M. da. “Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?”. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, jul. 2006, n. 84, pp. 51-68.
- ALMEIDA, Emerson G. de e FERREIRA, Willian R. “A entrevista enquanto diálogo assimétrico na geografia dos transportes: uma reflexão sobre o mototaxismo em Ituiutaba/MG”. In RAMIRES, Julio

- C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 75-90.
- ANIMONDA, Hector e FERGUSON, Juan. "Travessia de imagens (um projeto de documentação visual sobre o mundo rural)". In COSTA, Luiz F. C.; BRUNO, Regina; MOREIRA, Roberto J. (orgs.). *Mundo rural e tempo presente*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, pp. 99-113.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002a.
- . *NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002b.
- . *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2011.
- BARROS, Aidil J. da S. e LEHFELD, Neide A. S. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- COPEBRÁS. *Ouvidor: a mina*, 2011a. Disponível em http://www.copebras.com.br/about-us/our-operations/ouvidor.aspx?sc_lang=pt-pt. Acesso em nov. 2011.
- COSTA, Luiz F. de C. "Paisagens urbanas – um estudo regional sobre fotografias". In SANTOS, Raimundo; CARVALHO, Luiz F. de; SILVA, Francisco C. T. da (orgs.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998, pp. 75-94.
- GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- JUSTIANO, Eduardo F. "Registro fotográfico". In VENTURI, Luiz A. B. (org.). *Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental*. São Paulo: Oficina de Textos, 2005, pp. 187-95.
- L'ESTOILE, Benoit de e SIGAUD, Lygia. "Caderno de fotos: fotografia e pesquisa de campo". In — (orgs.). *Ocupações de terra e transformações sociais: uma experiência de etnografia coletiva*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 19-28.
- LIMA, Helton S. "O diário de campo e sua relação com o olhar aprofundado sobre o espaço rural". In WHITAKER, Dulce C. A. (org.). *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau/São Paulo: Letras à Margem, 2002, pp. 143-9.
- LOIZOS, Peter. "Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa". In BAUER, Martin W. e GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 137-55.
- LUDWIG, Antonio C. *Fundamentos e prática de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LUNA, Sérgio V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2005.
- MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M. *Fundamentos de metodologia científica*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007a.
- . *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 2007b.
- MARAFON, Glaucio J. "O trabalho de campo como um instrumento de trabalho para o investigador em geografia agrária". In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 379-94.
- MARQUES, Mario O. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 5 ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- MENDES, Tereza R.; CRUZ, Anamaria da C.; CURTY, Marlene G. *Citações: quando, onde e como usar (NBR 10520/2002)*. Niterói: Intertextos, 2001.
- OLIVEIRA, Joycelaine A. de e BRANDÃO, Carlos R. "Entre o murmúrio do rio e o despertar das lembranças". In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 221-52.

- REY, Fernando G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Thomson, 2005.
- SANTOS, Antonio R. dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 7 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SANTOS, Joelma C. dos e PESSÔA, Vera L. S. “A pesquisa de campo nos canaviais do oeste paulista: o universo dos trabalhadores entre a ‘sua forma de ser’ e a exploração do seu ‘ser’”. In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 123-38.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2009.
- VALE. *Vale no mundo*. Disponível em <http://www.vale.com/pt-br/conheca-a-vale/mundo-afora/paginas/default.aspx>. Acesso em nov. 2011.
- VENÂNCIO, Marcelo e PESSÔA, Vera L. S. “O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar”. In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 317-36.
- WHITAKER, Dulce C. A. et al. “A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?”. In WHITAKER, Dulce C. A. *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Wenceslau: Letras à Margem, 2002, pp. 115-20.